

Director-Proprietario, Editor
Ferreira da Silva
 Redacção, administração,
 composição e impressão
Rua de Alportel, 23 a 27
 SEMANARIO INDEPENDENTE
 NUMERO AVULSO 30 CENTAVOS

O ALGARVE

O ALGARVE É O JORNAL QUE A TODOS INTERESSA.
 ANUNCIAR NELE É TER A CERTEZA DE UM BOM EXITO.

Carta aberta a um oficial do exercito

Os velhos, os que têm experiência política, devem sempre aconselhar os novos, bem intencionados, que desejam a prosperidade do seu país. E' por isso que te dirijo esta carta podendo, se entenderes, contestar a sua doutrina.

Tu deves saber o que era o regimen constitucional dentro da Republica; na defesa dele empregavam os partidos a maxima energia, sendo os politicos implacaveis, até para com os seus amigos pessoases.

A doutrina sustentada pelos partidos na camara dos deputados quando foi da proposta para a demissão do sr. Constançao Roque da Costa, que relevantes serviços prestou ao seu país, deve servir de estudo ao actual governo.

Como tu és novo, ignoras provavelmente o que foi o regimen constitucional da Monarquia; por isso vou contar-te um facto de que fui testemunha e vitima, durante um governo regenerador.

O *Primeiro de Janeiro* publicou a brilhante conferencia a respeito do radio que o falecido Guerra Junqueiro fez na Suissa, e que produziu grande entusiasmo no Porto.

Os jornaes daquela cidade convidaram os admiradores de Guerra Junqueiro a esperal-o na estação de S. Bento e ao mesmo tempo pediram aos assistentes para não darem vivas á Republica.

Como republicano revolucionario e admirador de Guerra Junqueiro não faltel á grande apoteose que foi feita áquele eminente republicano.

A estação de S. Bento estava completamente cheia, não faltando, como sempre, a policia fardada e á paisana.

Quando o comboio entrou na gare souu uma estrondosa salva de palmas, ás quaes Junqueiro respondeu com um viva á cidade do Porto.

A certa altura um policia á paisana deu vivas á Republica e a fardada espadeirou á torto e a direito os assistentes, tendo o signatario deste artigo ficado ferido na nuca, de que ainda conserva uma cicatriz.

Soube o governo de então que Guerra Junqueiro queria apresentar a sua candidatura para deputado do Porto e por isso mandou espadeirar os seus admiradores para os avisar do que nos sucederia se propozessemos o illustre poeta para deputado.

Assim foi sempre em Portugal o regimen constitucional.

Vamos agora á ditadura de João Franco que preferiu as *transigencias que rebatram ás violencias que comprometem*.

O sr. João Franco pecou pelo excesso de fraqueza e os inimigos aumentaram de audacia a ponto de haver no Algarve uma subscrição, que eu cheguei a ter nas minhas mãos, para a revolução de 28 de Janeiro.

Falei duas vezes com o conselheiro João Franco, tendo-me deixado a impressão de que estava a conversar com um homem teimoso que acabava de ler o romance de Julio Verne a *Viagem á Lua*.

A' saída da sua casa e pela segunda vez, eu profetisei ao sr. Simão Carvalho d'Almeida a queda do ministerio pelo assassinato do Rei e de todos os ministros devendo nesta ocasião implantar-se a Republica.

O sr. conselheiro João Franco pretendeu no seu livro justificar os seus actos que eu refutel.

Se o sr. Conselheiro João Franco não previu o que ia succeder foi porque vivia na Lua como verifiquei quando conversei com Sua Excelencia.

O sr. conselheiro Luiz Magalhães pretendeu justificar o fracasso do ministerio por ter entrado em ditadura, que foi con-

CARTA DE LISBOA

A Revolução e o patriotismo.
 Tivemos d'esta vez uma revolução que, por ser curta, não foi menos sangrenta. Pela primeira vez a aviação deu para a crónica dos sucessos uma acção indigna do papel que deve representar, deitando bombas sobre sitios onde só havia gente indefeza e pacifica.

Os revolucionarios d'esta e d'outras revoluções só teem concitado antipatias e repulsa pelas suas açoes.

Na sua ancia de conquistar o poder, todos os meios lhes servem. E dizem-se os salvadores da liberdade e da Pátria!

Mas que patriotismo será esse que não quer saber, que se não importa de cavar ainda mais funda esta pavorosa crise por que estamos passando?

Que patriotismo será esse que para libertar as duas centenas de politicos "desesperados postos a seco, se não importa de agravar as precarias condições dos seis milhões de cidadãos que lutam para viver e que, para isso, precisam de ordem e de socêgo para trabalhar?

Estaremos nós, todos os que a ditadura resguarda de "desordens, todos aqueles a que ela proporciona socêgo e ordem para trabalhar, tão servilizados, tão envidados pela tirania, que tenhamos perdido todo o decoro e toda a noção de cidadãos de um país civilisado e livre?

Pela minha parte repilo, já o tenho dito, essa liberdade que eles nos prometem, porque tenho a certeza de que, em vez de estar sujeito ás regalias que me confere um regimen de ordem e de disciplina imposto pelos excessos de desordem e de indisciplina que eu não pratiquei, terei de debater-me contra a liberdade de matar, de roubar e de incendiar, que nós vemos na visinhança e que nós próprios sofremos bastantes anos.

Muitos censuram o governo pela pouca energia com que teem tratado os pescadores das aguas turvas das revoluções. Eu não. Acho o metodo bom, contanto que tenha fim depois do governo demonstrar que está cheio de razão, depois de fazer ver que tem bem a seu favor o direito de defêza radical e energica.

E' preciso que em Portugal acabe a psicologia revolucionaria.

Nos países mais adeantados os cidadãos não teem, como aqui, sempre *en brail*, sempre a irromper, o espirito de dirimir as suas divergencias politicas de armas na mão.

O processo é bastante barba-ro, desprestigiante e contrário ás leis para ser usado por um povo civilisado. A politica não é uma caverna de assassinos nem de ladrões. Ninguem tem o direito de recorrer á força, á violencia para nivelar as divergencias de opinião.

São processos a que só recorrem os brutos e os bolchevistas, mas estes como manifestação da libertação completa do cidadão e não como expressão de estupidéz feroz, já se vê.

E' preciso acabar com a psicologia da politica de violencias, da politica revolucionaria; só assim o país pode progredir e tornar-se respeitado. Os desordeiros são sempre mal vistos.

Agora de novo o exercito, que teve de impôr ao país ordem, disciplina e socêgo, mais uma vez e facilmente conseguiu dominar a desordem. Mas precisa terminar a tarefa collocando, como castigo e exemplo, fóra do estado de repetir a façanha, os que esperando *governar-se* a eles, se não importam de desgovernar o país, na sua actividade e no seu decoro perante o mundo.

Eu tenho o hábito de respeitar as opiniões alheias, quando elas não me convençam e não sou d'aquelles que censuram a in-

tolerancia alheia e querem impôr as suas opiniões a tiro, que é o que ahi se vê mais. Lutemos com razões e acabemos por não lutar com balas.

E' isto o que a ditadura, antes de terminar, tem de impôr á consciência dos portugueses. Se o não fizer a sua obra será bem efemera.

Os homens do governo, sobre os quaes cahem os maiores odios e sarcasmos dos revolucionarios, são os srs. Oliveira Salazar e Lopes Mateus. Sobre o primeiro porque a sua obra de ressurgimento financeiro e economico, verdadeira maravilha de tenacidade, de inteligencia e de modestia, constitue um obstaculo, uma altissima barreira, que nem a maledicência, nem o cabotinismo de varios financeiros da politica velha, podem atacar. E' um rochedo no qual nem as unhas felinas e raivosas, nem as ferraduras conseguem fazer móça.

Ele trabalha e deixa ladrar os podengos.

O sr. Lopes Mateus tem o odio e os sarcasmos das alfurjas, porque diz coisas que não lhes agradam. Antes d'esta prova d'agora, comentavam elas, com certo desdem, as palavras do ministro do interior. Davam a entender que ele era mais capaz de falar do que de agir. Creio que, agora, devem ter mudado de attitude, porque o ministro interino da guerra soube demonstrar, n'esta revolução, que o ministro do interior não era só homem de palavras, era tambem homem de acção e de energia, o que de resto já se tinha demonstrado por occasião da monarquia do norte.

Eu creio que uma das coisas que os revolucionarios não perdoadam ao sr. Lopes Mateus é o seu demonstrado e indefectivel republicanismo, e que não lhe podendo morder dão largas ao despeito de o não contarem nas suas hostes, fingindo o desdenham. Mas, acima de tudo isso, estão os factos que demonstram bem o contrario. O sr. Ministro do Interior merece o louvôr e o aplauso de todos aqueles para quem o patriotismo não consiste em revolucionar o país, mas em o servir com o sacrificio dos interesses materiaes e pondo em risco a propria vida.

E o sr. Lopes Mateus é patriota d'essa qualidade.

Aqui lhe deixo a minha homenagem.

Sua Magestade a Libra em porigo.
 Eu não sei se os meus leitores se recordam! Eu disse aqui n' *O Algarve*, quando os trabalhistas ou socialistas ingleses subiram ao governo, que não tardaria muito tempo que o povo inglez se não arrependesse e os escorraçasse do poder. Como se vê, não errei. Eles que prometiam e que diziam possuir remedio para todos os complexos problemas que trazem alarmada a grande nação, não só inutilmente acabam de demonstrar que mentiam, como acabam de provar que só deixaram agravar e complicar ainda mais esses problemas. A crise do desemprego, a crise do carvão, o problema da India, tudo isso, atuando, deram n'uma crise financeira que teve Sua Magestade a Libra á beira da catastrophe, n'uma anemia verdadeiramente alarmante. Ora Sua Magestade a Libra é o crédito, e o sangue é a vida da Grã-Bretanha. E' ela que mantém perante o mundo toda a grandeza e força do imperio.

Intoxicada pelas pantominices trabalhistas, entrou com ela uma fraqueza de nervos que a precipitaria n'uma catastrophe, se os que entraram agora a tratalla não tivessem recorrido ás farmacias da America e da França,

a buscar a tonificação aurifica que a póde curar. Os milhões americanos e francezes vencerão por certo os venenos socialistas que a iam matando.

A vida ministerial do trabalho inglez não podia dar outra coisa. E' a sorte, o caminho fatal de todos os que exploram e lisongeiam as aspirações irrealisaveis das multidões.

A minha profecia agora realisada não tem mérito algum. E' o prognostico de quem observa há muito todos esses movimentos politicos, e de quem nota os resultados praticos de todos eles. Os lisongeadores do impossivel agradavel têm sempre publico. E os trabalhistas continuarão a tê-lo. Eles saberão apresentar o *vigario* e a sua carencia de recursos praticos, como culpas de outros.

Casa de Portugal em Londres.
 Foi uma bela iniciativa a fundação das Casas de Portugal, nas principaes capitales do mundo.

Elas serão, como a actividade dos seus dirigentes, uma demonstração constante dos nossos productos de exportação e das nossas facultades turisticas. A de Paris funciona já e a de Londres em breve principiará a sua actividade. Eu não sei quem está á frente da de Paris, mas tenho a honra de conhecer quem foi designado para gerir a de Londres. A escolha não podia ser mais acertada. Antonio Mendonça, que está nomeado para o cargo, reúne todas as condições precisas para o desempenho com aprumo, actividade e proveito do país.

Educado em Inglaterra, conhece a lingua ingleza como a nossa. Comerciante com longa pratica de negocios em grandes empresas, saberá muito bem orientar a propaganda dos nossos productos com as maneiras de um *gentleman* e estas permitir-lhe-hão tambem espalhar, nos meios endinheirados, a fama de todas as belezas naturaes e artisticas do noss país, *sjardim da Europa á beira mar plantado*, como muito bem disse o poeta.

Eu, que desde há muitos anos o conheço e o estimo, fui, antes da sua partida para Londres, dar-lhe um abraço.

E conversei com ele sobre a sua missão e em especial sobre o Algarve.

—A abertura da Casa de Portugal em Londres será uma solemnidade que marcará o inicio da propaganda a que ela se destina por uma fórmula que terá o agrado de todas as personalidades para ela convidadas.

—Que me diz com respeito á propaganda do Algarve?

—Bem sabe que eu sou algarvio e que quero muito ao Algarve. Vou fazer uma propaganda comercial intensa dos productos algarvios, dos productos do solo e dos seus productos industriaes--a conserva de peixe.

—E com respeito a turismo?

—Isso é mais difficil.

Como se há-de organizar uma corrente turistica onde não há alojamentos dignos de se oferecer a pessoas ricas e de distincção?

Creia que me causa imensa magua ver a minha provincia tão atrazada neste ramo de actividade. Acredite que me sinto confuso ao pensar no assunto.

—Já tem muitos elementos para o desempenho da sua missão?

—Bastantes. Tenho em preparação uma série de conferencias por pessoas da maior competencia, entre elas a Condessa d'Arnyl que há pouco esteve entre nós. Tenho fotografias, muitas e belas fotografias, das belezas naturaes e artisticas do país, tenho filmes, tenho documentação variada para facilitar a organização das conferencias com a narração de tudo o que se não póde mostrar pela projecção, de forma que essas pales-

tras resultem eficazes e brilhantes.

—Para realizar tudo isso será necessario trabalhar intensamente.

—Não tenciono furtar-me ao trabalho. Quero pôr toda a minha actividade no desempenho do cargo que me confiaram.

—E' verdade: que me diz sobre o filme do Algarve, em que tanto se fala e escreve?

—Parece-me uma realização difficil... Mas, emfim, a Casa do Algarve tomou a seu cargo essa tarefa e é de crêr que o fez depois de dar balanço ás possibilidades de forma a sahir-se bem d'essa empreza, como tem sahidido de outras. Oxalá que o filme do Algarve seja em breve mais uma boa realidade de propaganda algarvia.

Antonio Mendonça vai para Londres, como se vê, animado da mais decidida boa vontade de pôr ao serviço da propaganda do nosso país a sua larga experiencia comercial, toda a sua actividade, toda a sua alta compreensão dos interesses do país e da missão que lhe confiaram. Nós que o conhecemos bem temos a certeza de que o país tirará grande brilho e proveito da sua acção na capital britanica.

Donde vem o dinheiro?
 Conversando sobre a revolução com alguns amigos, disse um, e outros confirmaram, que já se está tratando de outra para breve.

Eu formulei então esta afirmativa e esta pergunta:

—As revoluções não se fazem sem dinheiro. Donde vem tanto dinheiro para tanta revolução, n'um tempo em que ele não chega para tantas necessidades indispensaveis e urgentes?

—De Moscow, respondeu um dos do grupo.

E nós ficámos todos calados.

Nenhum de nós achou razões ou elementos para opôr a essa afirmativa.

Os cafés do Rocío.
 A *Brazileira*, A *Chave de Ouro* e o *Nicola*, são estes os principaes, todos do lado do poente da praça como é sabido, mas todos tocados pela onda revolucionaria. O primeiro foi a *Brazileira*, onde os *formigas* do democratismo fizeram quartel general descansando de vez em quando algum militante dos outros partidos que ousava censurar os actos do jacobinismo intolerante e estupidio.

Como todos os outros frequentadores deram em fugir de lá para a *Chave d'Ouro* quando ela abriu, os revolucionarios, isolados, sem ter auditorio, passaram para a *Chave d'Ouro*. Abriu o *Nicola*. A principio não se via lá revolucionario algum.

Não tinham ambiente.

Mas os freguezes da *Chave d'Ouro*, que não gostavam da companhia, foram passando para o *Nicola* e os revolucionarios, que querem fazer adeptos, e na *Chave d'Ouro* já não tinham onde os recrutar, lá passaram para o *Nicola*. Deve dizer-se que taes freguezes dão mais prejuizo que proveito. Em troca de um café que pagam ocupam as mezas tanto tempo que impedem a renovação dos clientes. Não se póde dizer que são freguezes de fumo e cuspo, mas são freguezes de fazer sala mais do que gastar.

Ora, a primitiva freguezia d'esses cafés, á maneira que os revolucionarios se mudam ce um para outro, voltam de novo aos que eles abandonam, como é natural em gente ordeira e pacifica que não gosta de tal convivencia nem sonha em derrubar governos, mas em ganhar a vida tranquilamente.

Um problema camoneano

XX Conclusão

Se encarmos os Luziadas apenas pelo lado da primeira viagem do Gama, pode-se dizer que o poema acaba no canto IX, seu natural desfecho como expressão da chegada do navegador ao Tejo, sendo o canto X, que o remata, tão só um acrescimo feito para narrativa de factos ulteriores da proesa lusitana, ocorridos apóz aquela viagem e até o tempo de Camões. Se os Lusíadas, em vez de serem escritos no seculo XVI, o tivessem sido nos seculos XVII ou XVIII, mais cantos haveria; ou pelo menos mais estancias, glorizando os nobres faustos da audacia da nação até esses seculos.

Considerada a questão assim, posto pois de parte o canto X pelo motivo alegado, quanto mais estuido o poema, mais me aparece o canto IX como viva pintura da sensação que experimenta quem, apóz longos anos de ausencia em exilio, regressa para a patria. E á medida que vai chegando, quanto mais se vai aproximando e mais perto está dela, mais essa visão bendita do solo natal, sonho que a sua imaginação criou com afaço, vem vindo ao seu encontro destacando-se do seio das aguas exactamente como a ilha dos amores vem vindo ao encontro dos navegadores com os seus encantos e maravilhas. Todas as dores que se curtiram, toda a infinita angustia da ausencia durante o longo desterro, nada são, tudo isso se varreu da memoria, se destez, em comparação com a intima satisfação e regosijo que se sente e transborda do peito perante o risonho quadro dessa visão da patria estremeçada, que se evoca vaporosa á memoria, visão que, a pouco e pouco, se vai delineando no imaginario painel da illusão com todos os seus encantos e num estirante jubilo de saudosas recordações, antegosado no prazer de abraçar parentes e amigos que lá se deixaram e lá estão á espera, doces lembranças ligadas a cada ente querido e a cada lugar do chão amado. São os deleites da ilha encantada, de que o Poeta fala, deleites a que se juntam honras e glorias, quando, com o Gama, se tenham praticado feitos valerosos, que enobreçam a nação.

Mas os Lusíadas, epopeia da raça, não são só os episodios da viagem do Gama, não terminam com a volta do navegador, mais feitos ha ainda a narrar, ulteriores a essa arrojada aventura, sendo esta a razão de ser do canto X, em que pela boca da ninfa se vão rememorando todas essas audazes façanhas do brio portuguez, até que o lirico sonho da visão fagueira se desfaz á chegada, no termo da viagem. Eis o motivo do salto brusco da estancia CXLIII para a CXLIV do canto X; e eis tambem, me parece, a razão porque a ficção da ilha encantada não podia deixar de ser collocada pelo epico no fim da jornada, do Gama, á chegada ao Tejo, como acertadamente disse o morgado de Mateus.

Tal é a minha replica ao conceito do sr. dr. David Lopes, sob o triplice aspecto em que encarei a questão do episodio da ilha dos amores, cuja origem não se filia para mim em lenda oriental.

Termino dizendo que os artigos publicados neste jornal, não tendo sido revistos por mim, á excepção de um, numerosas erratas ha que corrigir neles.

Ludovico de Menezes

HENRIQUE BORGES
 Doenças de boca e dos dentes
 Dentes artificiaes
 Colocação de dentes sem placar
 R. Ivens, 18 1.º - FARO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

(Conclue na 2.ª pagina)

Empresa Transportadora Algarvia, Limitada

Rua Horta Machado, 62

FARO
TELEFONE 232

CARREIRAS DE AUTO-CARS REGULARES E DIARIAS ENTRE:

Vila Real de Santo Antonio,
Faro, Albufeira e Portimão

HORARIO PARTIDAS DE:

FARO-PORTIMÃO FARO-ALBUFEIRA FARO-VILA REAL

7,30 horas	12 horas	
14 "	16 "	10 horas
16 "		

PORTIMÃO-VILA REAL 7,30

REGRESSO:

PORTIMÃO-FARO ALBUFEIRA-FARO V. REAL-FARO-PORTIMÃO

7,30 horas	8 horas	12,30 horas
11 "	17 "	
17 "		

Camionettes de reserva e para frefes extraordinarios

Todos os esclarecimentos serão dados imediatamente e atendidas todas as reclamações de serviço quando fundadas

Moagem de Cereais

(Sistema Austro-Hungaro)

— DE —

VUVA DE ANTONIO DE BRITO RAMOS

Farinhas, Sêneas
e adubos quimicos

GARVÃO

End. Telegrafico—Moagem

Hotel Central E Grande Hotel

Telefone n.º 5

PROPRIETARIA:

Gregoria Gonçalves

CALDAS DE MONCHIQUE

ABERTOS DESDE 1 DE JUNHO

Rezervam-se quartos

Diarias de 18\$00 a 25\$00

MOSAICOS

Optimo acabamento

Grande resistencia ao desgaste

Emprego dos melhores
materiais

Fabrica especial da

Empresa Fabril do Algarve, L.ª

FARO

Farinha Peitoral Ferruginosa

A mais barata de todas as Farinhas e a mais recomendada pelos Medicos
A mais conhecida como mais eficaz para restaurar as forças, dar saúde e
especialmente para alimentação de

Crianças, Adultos e Convalescentes

A venda em todas as Farmacias, Drograrias e Mercarias, DEPOSITO GERAL EM BELEM NA

Farmacia Franco, Filhos

Quem dá valor aos seus olhos pede
expressamente ao oculista vidros



Aos nossos estimaveis clientes desta cidade e do resto da provincia, participamos que acaba de nos ser confiada a representação da casa Zeiss, tendo já á venda um completo sortido de lentes daquela casa, universalmente conhecida, tanto para oculos, lunetas e lorinhons, como para o avio de receitas medicas,



ANTIGA CASA

RIBEIRO & SERRA

Rua Ivens, 26—FARO

Vinho Nutritivo de Carne

O melhor e o mais recomendado pela Medicina, como tónico reconstituinte, evanta forças, dá robustez, e é empregado com êxito por todos os convalescentes

A' venda em todas as Farmacias e Drograrias

DEPOSITO GERAL

Farmacia Franco, Filhos
Rua de Belem, 18 a 22—LISBOA

TIPOGRAFIA

— DO —

ALGARVE

Esta casa, que não teme a concorrência das suas con generes, garante aos Ex.ªs clientes a maxima perfeição e rapidez em todos os trabalhos tipograficos, taes como: jornaes, livros, memorandums, papel timbrado e envelopes, etc. etc.

Impressões a cores

Tambem se aceitam encomendas fornecendo o freguez o papel

Atendem-se quaesquer pedidos que, de toda a parte da provincia os ex.ªs clientes necessitem, os quaes serão satisfeltos com a maxima rapidez

Quem tiver dor no dnhetro e feha gesto, deve procurar quem melhor e mais barato o sirva

Quereis dinheiro

Jogae no

Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

Preços concorrentes

Pelo correio mais \$80 para registro.

Atende todos os pedidos da provincia.

Sempre sortes grandes

Estudantes

Recebem-se estudantes e comensaes. Alugam-se quartos a preços sem competencias.

Dirigir á rua Baptista Lopes n.º 71 FARO

Fazenda

Vende-se, denominada Nave, no sitio dos Barros de S. João, freguesia de Santa Barbara, concelho de Faro, constando de casa de habitação, ramada, alfarrobal, amendoeal, figueiral, olival, vinha, azinheiras, terras de semear, etc., com cerca de 12 hectares. Quem pretender dirija-se a Francisco Guerreiro Barros, rua de S. Luiz—n.º 10, FARO.

Quarto Mobilado

Aluga-se na rua Antonio Cabreira n.º 10—FARO

CASINO DA PRAIA DA ROCHA

ZONA TEMPORARIA DE JOGO OFICIAL

Unica ao sul de Lisboa

As melhores e mais afamadas artistas de Variedades Internacionaes

ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE

A mais reputada estação climaterica mundial

OPTIMO E CONSTANTE SERVIÇO DE AUTOMOVEIS E CAMIONETES LIGADO A TODA A PROVINCIA

A Prestações Semanaes

Se adquirem as celebres



COMPANHIA FABRIL SINGER

Concessionario em Portugal

ADCOCK & COMPANHIA

Rua D. Francisco Gomes, 35

— FARO —

Sociedade PORTUGUEZA de Seguros

SOCIEDDE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital Realizado

Esc. 2.000.000\$00



FUNDADA EM 1900

Fundos de Reservas

Esc. 1.777.000\$00

Séde na sua propriedade—Rua da Madalena, 36

SEGUROS

INCENDIO

Raio e Explosão

MARITIMOS

Avaria grossa e Particular

QUEBRA DE VIDROS

Vitrinos, Espelhos e Cristals

AGRICOLAS

LUCROS CESSANTES

RENDAS DE CÁSAS

Em caso de Incendio

VIDA

Todas as modalidades

ACIDENTES

SEGURAE OS VOSSOS

PRÉDIOS

FABRICAS

ESTABELECIMENTOS

MOVEIS

Asseguræ o futuro dos seus ou a sua velhice, fazendo um seguro de

VIDA

nêsta Sociedade que lhe oferece todas as

GARANTIAS

Seguræ a vida dos vossos

Operarios, contra os

desastres no trabalho

Agente Geral no Algarve

Anibal Martins Caiado

CASA BANCARIA

SÉDE EM FARO

Telefone: 160

Telegramas CAIADOS: